



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

ISADORA FREIRES ROSENO

RELACIONAMENTO ABUSIVO: como fica a saúde mental da mulher?

Icó – CE

2023

ISADORA FREIRES ROSENO

RELACIONAMENTO ABUSIVO: como fica a saúde mental da mulher?

Artigo científico submetido à disciplina de TCC II, do Curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Dra. Maria Eniana Araújo Gomes Pacheco

ISADORA FREIRES ROSENO

RELACIONAMENTO ABUSIVO: como fica a saúde mental da mulher?

Artigo científico aprovado em ____/____/_____, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS.

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Maria Eniana Araújo Gomes Pacheco

Orientadora

Esp. Leticia Augusto Oliveira da Silva

Avaliadora

Ma. Meury Gardênia Lima de Araújo

Avaliadora

Icó – CE

2023

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à Deus por sempre estar ao meu lado e ser meu guia quando eu mesma estava perdida, por me dá força quando as minhas já estavam esgotadas, por me dá sabedoria quando eu já não sabia mais o que fazer, por todas as minha orações sempre atendidas, obrigado paizinho.

Aos meus familiares, minha mãe Raimunda e o meu pai Manoel que sempre acreditaram e se orgulham tanto de mim, aos meus irmãos Maria Isabel e Italo Henrique por me ajudarem nos dias difíceis dessa caminhada, vocês são a minha maior força e incentivo para continuar.

A minha amiga e irmã de alma, Wanessa Oliveira que me acolheu e foi meu porto seguro durante tantos dias difíceis vividos até aqui, obrigado por tudo, você é muito importante para mim.

Aos meus amigos da faculdade que se tornaram a melhor parte de lá, Thuany Cunha, Renata Marjorie, Francisco Marcelo, Welivânia Oliveira, Mirelle Alves e Francisco Davi, a caminhada se tornou mais leve depois de vocês, obrigado por serem.

A minha orientadora, Doutora Maria Eniana pelo apoio nessa jornada, por me acolher quando eu precisei e me incentivar acreditando no meu potencial, a senhora tem grande parcela nesse trabalho.

E por fim, a mim por todo o empenho, dedicação e esforço, não foi uma caminhada fácil, mesmo caindo sempre me levantei e me mantive de pé em todas elas, que seja apenas o início de uma bela jornada que está por vir.

RELACIONAMENTO ABUSIVO: como fica a saúde mental da mulher?

Isadora Freires Roseno¹

RESUMO

Os relacionamentos abusivos ainda são muito comuns e presentes nos dias atuais e se tornaram naturais para muitas pessoas, o que dificulta tanto a identificação de se está vivendo um, quanto a denuncia. Além disso, um relacionamento abusivo pode gerar altos níveis de sofrimento para as pessoas que passam por um, pensando nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo discutir a respeito da saúde mental da mulher que sofre um relacionamento abusivo e pensar nas consequências que este causa para a vítima, utilizando-se de uma pesquisa documental do tipo narrativa, baseando-se em depoimentos de mulheres encontrados em uma página da rede social Instagram. Os relatos foram analisados e apresentados nas seguintes categorias: Violência doméstica; violência psicológica; dependência emocional e culpa; pós-término e suas consequências.

Palavras-chave: Relacionamento Abusivo. Mulher. Violência.

ABSTRACT

Abusive relationships are still very common and present nowadays and have become natural for many people, which makes it difficult both to identify if you are living in one, and to denounce it. In addition, an abusive relationship can generate high levels of suffering for people who go through one, thinking from this perspective, this article aims to discuss the mental health of women who suffer from an abusive relationship and think about the consequences that this causes. for the victim, using a documentary research of the narrative type, based on testimonies of women found on a page of the social network Instagram. The reports were analyzed and presented in the following categories: Domestic violence; psychological violence; emotional dependency and guilt; aftermath and its consequences.

Keywords: Abusive Relationship. Woman. Violence.

1 INTRODUÇÃO

Os indivíduos nascem machos ou fêmeas, mas são apenas por meio da educação que lhes é ofertada durante todo o período de construção da sua vida que os tornam homens e mulheres, com isso, a identidade de gênero, diferente do que muitos pensam, é socialmente construída. Dessa forma, características biológicas recebem nomenclaturas resultantes de propriedades físicas e sociais de homens e mulheres, determinando desigualdades entres os

sexos reproduzidos socialmente por meio da naturalização destes (SOUZA et al., 2019, SAFFIOTI, 1987).

A temática de relacionamentos abusivos vem ganhando espaço após a constituição da Lei Maria da Penha nº 11.340 de 07 de agosto de 2006, bem como os debates femininos, postagens nas redes sociais como: Instagram, Facebook, Twitter, e outros. Dito isso, outras temáticas vêm sendo abordadas, tais elas: machismo e desigualdade de gênero, com o intuito de entender a fonte da problemática que é a violência contra a mulher (ALBERTIM; MARTINS, 2018).

Todos os dias várias mulheres são vítimas de violência seja por parceiros, maridos, namorados e afins. Abusos esses que desde os antepassados são presentes nas realidades de tantas, onde não existe um padrão, a menos que essa seja mulher, causando-as sofrimento psíquico, emocional e em alguns casos físicos (RIBEIRO, 2020, apud, SILVA; COELHO; NJAINE, 2013).

Um exemplo disto é no Nordeste, no estado de Sergipe, onde, nos anos de 2009 a 2018 o maior número de notificações de violência doméstica foi no ano de 2018, com 31.268 casos. Nesse percurso de 10 anos, o total de casos geral foi de 180.555. A violência psicológica ou moral foi de 58.321 (18,75%), a violência sexual 37.978 (12,21%), negligência ou abandono 20,950 (6,73%) e violência financeira/econômica 5.726 (1,84%) (SANTOS et al, 2021).

No estado do Ceará, entre o período de 2014 a 2019, os casos registrados de violência contra mulher com idade de 10 a 49 anos foi de 6.942. A 1ª Região de Fortaleza foi a cidade predominante com 2.219 casos, em segundo lugar a 11ª Região de Sobral com 225 registros e em terceiro a 22ª Região de Cascavel com 63 (COELHO et al, 2021).

O estado brasileiro ainda tem concepções muito ultrapassadas no que diz respeito ao direito da mulher, e isso reforça mais e mais ao homem o poder que ele tem sobre o sexo feminino, dando-lhes a convicção de que os comportamentos tóxicos e abusivos produzidos na relação conjugal não pode haver intervenção por se tratar de uma particularidade dos cônjuges (MAIA, 2017, apud, MINETTI, 2005).

O estudo teve como problemática discutir a seguinte temática: como fica a saúde mental das mulheres quando passam por relacionamentos abusivos?

Deste o modo, o objetivo geral dessa pesquisa é compreender os impactos do relacionamento abusivo na saúde mental das mulheres, e como objetivos específicos discutir os tipos de relações abusivas e o ciclo da violência, refletir acerca da violência psicológica e discorrer sobre a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos conjugal, assim como as consequências deste relacionamento na saúde mental das mulheres.

Diante da problemática citada anteriormente, a realização desse trabalho terá importante contribuição para reforçar o conhecimento de mais mulheres acerca do que é o relacionamento abusivo, tomando consciência de quais os seus tipos de abusos e como eles acontecem. De modo que elas possam identificar possíveis sinais, além do sentimento de acolhimento do pós-relacionamento, tendo em vista que outras mulheres também passaram por situações parecidas e conseguiram recomeçar suas vidas, dessa forma, possam se sentir seguras para procurar ajuda profissional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A MULHER NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

As divergências da figura masculina e feminina possuem raízes desde o período da infância dos sujeitos, percorrido por um processo sociocultural em que para as meninas são oferecidos brinquedos como vassouras, panelinhas e bonecas e para os meninos são ofertados carrinhos e bola para jogo de futebol. Estas práticas terão influência direta na construção de ideologia dessas pessoas, onde a mulher continua a ser submissa e o homem se sobrepõe em seus papéis sociais. Tal prática de desigualdade entre homens e mulheres é denominada machismo (PAULA; MAIA, 2020 apud SILVA, 2020).

Este viés não se trata somente de uma construção social com limitações impostas às mulheres, de uma condição de “não sujeito”, mas da superioridade masculina construída socialmente, indivíduos reconhecidos na sociedade na posição do “outro sexo”, onde cabia ao homem amar jogos de poder, e a mulher amar os jogadores (BODART et al, 2017 apud BRURAWOY, 2010, P.137).

Vítima dessa “condição de mulher”, Simone Beauvoir, não apenas no seu dia a dia, assim como as outras mulheres, como também sendo desqualificada como intelectual. A autora contou em sua autobiografia às acusações que sofreu, destaca-se: neurótica, frustrada, deserdada, mulher-macho, invejosa, amargurada e com complexo de inferioridade em relação

ao sexo masculino, das mulheres, roída pelo ressentimento (BODART et al, 2017 apud BEAUVOIR, 2009, p. 214).

Simone Beauvoir (1980 [1949]) parte da ideia de que o corpo não pode ser compreendido como corpo-objeto, muito menos como corpo-em-si, mas sim “corpo vivido”, ou seja, resultado de uma construção histórica. Daí sua lendária frase: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BODART et al, 2017 apud BEAUVOIR, 1980 [1949]).

Durante todo o processo de vida da história da pauta feminina, a mulher vem tentando vencer a submissão sob o sexo masculino. Primeiro eram submissas aos pais, depois aos maridos e hoje pela sociedade. Porém, com muitas indagações a respeito do assunto, elas conseguiram, por pouco que seja, mudar a realidade vivenciada e, atualmente, podem escolher quais as suas prioridades (BACK et al, 2012).

Por este viés, a mulher no presente momento se torna submissa da sociedade, uma sociedade que impõe para o sexo feminino a vasta ilusão de que elas precisam assumir vários papéis, dentre eles: dona de casa, mãe, esposa, além de está perfeitamente bem vestida, unhas e cabelos impecáveis, sempre sorrindo e com comportamento que é esperado para que elas sejam consideradas boas no que fazem (BACK et al, 2012).

Apesar de todas as consequências que as pessoas do sexo feminino eram sujeitadas, sempre houve mulheres que contrariaram com as condições a elas estabelecidas, lutaram por seu espaço e liberdade, mesmo que isso custasse a suas vidas. A Inquisição da igreja católica foi impiedosa com qualquer mulher que ousasse ir contra os princípios estabelecidos por ela como dogmas indiscutíveis (PINTO, 2010).

Com o surgimento do movimento feminista que aconteceu com a chamada primeira onda do feminismo que ocorreu no final do século XIX, onde as mulheres se reuniram para lutar pelos seus direitos, tendo como o primeiro deles popularizado: o direito do voto. Essas mulheres ficaram conhecidas como sufragistas, elas saíam às ruas promovendo grandes manifestações. O direito ao voto foi concedido em 1918 (PINTO, 2010).

No decorrer da Ditadura Militar no Brasil, a dominação do sexo masculino no poder político foi contestada pelo movimento feminista. A inserção das mulheres nas Universidades e no espaço de trabalho com maior participação também era pauta desses movimentos. Outra conquista foi a Lei nº 6.121/1962, chamada de estatuto da mulher casada. A Lei visava devolver às mulheres a plena capacidade, já que isso lhes era tirado quando elas casavam-se,

tornando-as totalmente dependentes e submissas aos maridos, precisando de sua autorização para realizar tarefas desejadas (PAULA; MAIA, 2020).

Ainda que essas lutas sejam ativas e que os protestos existam, até este momento, as mulheres sofrem com as desigualdades sociais, dentre elas o mercado de trabalho, onde as mesmas sofrem discriminação salarial nos cargos que ocupam, sendo remuneradas com valores menores pela produção da mesma atividade realizada por homens, uma vez que a o Art. 7º, inciso XXX da Constituição Federal que proíbe a distinção de salário e admissão por sexo, idade ou estado civil (MENDES et al, 2020).

Segundo Costa; Androsio (2010), apud, Coelho et al (2006) ainda que hajam mudanças, a temática sobre desigualdade de gênero não foi apagada, apenas repensada em sua forma de existir. Um exemplo desta situação é os diversos outros papéis já citado neste artigo que a mulher ocupa, além de fazer parte no mercado de trabalho externo.

Embora a vida doméstica não fosse necessariamente o destino das mulheres, mesmo que elas adentrassem ao mercado de trabalho, procurando uma forma de sair dessa “missão destinada” que lhe era oferecida ainda muito jovem, elas ainda continuariam sendo vítimas de opressão (BODART et al, apud BEAUVOIR 1980 [1949]).

2.2 RELACIONAMENTO ABUSIVO

Conforme Maia; Cases (2017), apud Barreto (2015), o relacionamento abusivo é definido como uma relação que existe sobre o outro uma cobrança excessiva de poder. Uma relação abusiva é quando o parceiro usa desse poder para controlar e manipular a mulher sobre suas atitudes, seja com amizades, roupas, maquiagens, redes sociais, ciúme em excesso e estar sempre se fazendo de vítima.

Identificar que se está vivendo um relacionamento abusivo ainda é muito difícil para algumas mulheres, pois não é necessário que haja agressão física para existir abuso, e é muito comum que os abusos aconteçam de forma lenta e sutil, onde o outro não consegue perceber que está passando por situação de sofrimento extrema (MAIA; CASES, 2017 apud BARRETO, 2015).

É importante salientar que apesar de como ocorra o abuso, as mulheres são as mais atingidas pela violência, isso não quer dizer que os homens não passe pelo mesmo tipo de relação abusiva, mas isso ocorre de forma reduzida. Independente de qual seja a relação,

amizade, familiar, conjugal, as características de abuso podem estar presentes e se manifestarem nesses aspectos (SANTOS, 2020, apud, SILVA, 2019).

Com isso, percebe-se que a desigualdade está ligada, além desse viés, ao fator de violência, ocasionando uma diferença tanto nos percentis como na forma como ela acontece. Os homens, frequentemente são vítimas do ato fora de casa, em locais públicos e por desconhecidos, já as mulheres passam por isso com mais frequência dentro da própria casa e por pessoas de seu convívio (FERNANDES; GOMES, 2018, apud, SCHRAIBER et al, 2002; DESLANDES; GOMES; SILVA, 2000).

De acordo com Ribeiro (2020), apud Rolim; Falck (2017), a violência nos relacionamentos conjugais com ênfase no heterossexual, tem característica sócio-histórico-cultural transformando-se em um grave problema social. Diversos são os fatores que podem impulsionar o comportamento agressivo do companheiro, dentre eles: baixo nível de escolaridade, condições financeiras restritas, álcool e outras drogas, fazendo com que a relação passe pelo sistema de violência cíclica. Segundo Macarini; Miranda (2018), apud, Ribeiro (2020), esse ciclo de violência acontece geralmente em um ciclo composto por quatro etapas: no momento de tensão, o de agressão, as desculpas e o de reconciliação.

O termo ciclo já deixa claro que isso se repete novamente. Todas as vezes que uma mulher passa por esse percurso, mais tem seu psicológico fragilizado, mais ainda se torna desacreditada de si mesma. Por este viés, torna-se de extrema importância a necessidade de uma terceira pessoa que possa fornecer auxílio no ato de rompimento desse ciclo de abuso (ALBERTIM; MARTINS, 2018).

O instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) reforça a ideia de que mesmo com todo empenho e dedicação no confronto com a violência contra as mulheres e instrumentos usados para as resguardarem, essa violência ainda está muito presente nos dias atuais, por se tratar do ambiente residencial o local onde é predominante o ato de violência, existe uma maior possibilidade de essas agressões continuarem (RIBEIRO, 2020 apud IPEA, 2019).

Exemplo disto foi que, durante a pandemia causada pelo coronavírus chamada de SARS-CoV2 (Covid-19), que teve suas primeiras medidas de isolamento em março de 2020 onde o Ministério da Saúde propôs o isolamento social (REIS JUNIOR et al, 2020, apud, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Ao mesmo tempo em que para alguns seria o momento

feliz e tranquilo de aproveitar mais tempo com a família, realizar coisas que há muito tempo não conseguiam fazer, para outras seria momento de tortura e muito desespero, pois ao contrario de ser um ambiente calmo e de tranquilidade, reforçaria a dor e sofrimento causados por um espaço agressivo (REIS JUNIOR et al, 2020).

Constantemente o agressor usa de “táticas” para manipular e controlar a vítima, procurando sempre uma forma de inferioriza-la, fazendo que as mulheres tornem-se culpadas pelas atitudes deles, em virtude dessas consequências, as mulheres torna-se dependentes daqueles agressores, elas acreditam fielmente serem as pessoas que cometeram erro e que devem sempre desculpas para ao outro, e entram nesse jogo vicioso de manipulação que os abusadores as colocam (AGOSTINI et al, 2021 apud GOMES 2018).

Nos relacionamentos de pessoas mais jovens, é muito comum que os primeiros abusos sejam psicológicos, e com o tempo os outros tipos de abusos passem a estar presente, em vista disso, conhecer os tipos de violências e como elas acontecem é importante para que o rompimento aconteça o quanto antes. Nesse sentido, a escola é um dos principais fatores contribuintes para o entendimento dos alunos em relação a essa temática (AGOSTINI et al, 2021 apud ROCHA, 2016).

2.2.1 Tipos de abuso

De acordo com a Lei 11.340 de agosto de 2006, Art. 7º, é considerada violência doméstica e familiar: a violência física, violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial e violência moral.

A violência física é todo tipo de violência que cause danos à integridade ou saúde do corpo da mulher. A violência psicológica se enquadra tudo àquilo que cause prejuízo ao desenvolvimento da mulher, assim como a diminuição da sua autoestima, controle das ações, comportamentos, decisões, bem como, ameaças, humilhações, insulto, chantagem e o controle no direito de ir e vir. A violência sexual está voltada para a conduta que cause a mulher constrangimento no ato de presenciar, manter ou participar da relação sexual sem consentimento por intimidação, ameaça ou uso de força, também presente neste tipo de violência a proibição de usos de contraceptivos e pressione a gravidez, prostituição e aborto por coesão, assim como levar a mulher à comercialização da sexualidade. Na violência patrimonial, o agressor retém e destrói de forma parcial ou total os bens, objetos pessoais, equipamentos de trabalho, valores e direitos e os recursos financeiros. Por fim, a violência

moral, caracterizada por qualquer conduta que cause calúnia, difamação e injúria (Lei Maria da Penha, 2006).

A Lei Maria da Penha foi nomeada por consequência do fato ocorrido com Maria da Penha, uma mulher brasileira, cearense, natural de Fortaleza que foi a luta para que seu agressor fosse condenado. Maria sofreu duas tentativas de assassinatos por seu parceiro. A primeira tentativa aconteceu em 1983 quando seu esposo tentou matá-la, Maria conseguiu escapar da morte, mas ficou paraplégica. Na segunda ele tentou mata-la novamente só que dessa vez eletrocutada (JESUS, 2018).

O propósito da lei é amparar todas as mulheres que se identificam com o sexo feminino, sejam elas heterossexuais, homossexuais ou mulheres transexuais que sofrem ou sofreram algum tipo de violência doméstica e nas relações afetivas. Além disso, os movimentos feministas foram de suma importância para luta e o sucesso de uma legislação específica que conseguisse enfrentar os agressores para que eles não conseguissem sair ilesos do crime cometido, assim como, assegurar as mulheres de bem-estar e uma vida como cidadãs comuns (JESUS, 2018).

2.2.3 Violência psicológica

Nas relações conjugais e em outras relações pode-se reconhecer uma das formas de violência descrita por Alvim; Souza (2005) apud Zaluar; Leal (2001) é: a “violência psicológica”. Este tipo de violência é difícil não apenas para a sua percepção sob mulheres que a sofrem, mas principalmente para a sua denúncia, pois não existem fragmentos materialistas para sua comprovação.

Conforme Carneiro; Freire (2015) apud Azevedo; Guerra (2001) há uma diferença entre a violência psicológica a violência física. Enquanto a primeira está ligada a formas de agressões corporais com a vítima, a segunda forma de violência advém de palavras, gestos, olhares, que não precisam necessariamente existir o contato físico.

Na maioria dos casos, essa violência tem início por causa dos estresses gerado pelas vivências do dia a dia dos casais, dentre eles estão: a falta de trabalho que vai acarretar diretamente em problemas financeiros, ponto de vista e conceitos diferentes em relação à educação dos filhos, excesso de ciúmes e outros. Lamentavelmente, a violência psicológica ainda é considerada normal em grande parte dos relacionamentos (ALVIM; SOUZA, 2005).

Dos fatores que atingem a saúde mental da mulher, o abuso psicológico está dentre eles, bem como a autoestima e falta de credibilidade em si mesma. Ainda, a mulher pode desenvolver transtornos relacionados à habilidade de comunicar-se com outros, assim como, não sentir-se segura para a tomada de decisões. É comum que haja mudanças psíquicas na vida das mulheres que sofrem, por exemplo, o estado de choque, que acontece de forma imediata após a agressão, podendo permanecer por várias horas ou dias (SOUZA, 2019 apud BRASIL, 2001).

Quando há uma constância da violência psicológica, a vítima pode ter prejuízo, principalmente, na formação de sua autoestima e corrobora com a rejeição, trazendo para si mesma a desvalorização, bem como, a tendência de submeter-se em novas situações de abusos em outros relacionamentos (CARNEIRO; FREIRE, 2015 apud MALDONADO, 1997).

2.3 DESFECHO DAS RELAÇÕES ABUSIVAS

Por muitos anos, as mulheres enxergavam a violência a qual sofria como algo natural, em especial quando essas violências aconteciam dentro do contexto conjugal e no espaço doméstico, onde, até então, era tido como um assunto de natureza particular, dessa forma, o Estado não tinha poder para intervir, pois a ideia de que “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”, prevalecia. Nos cenários da década de 1970 com os movimentos feministas, o assunto veio a ganhar destaque, passando a ser tratado com um problema em que o Governo passaria a ser responsável pela intervenção (MALVEIRA, 2020 apud CORTIZO; GOYENECHÉ, 2015).

O meio social tradicional das mulheres dispõe que, para ser uma mulher completa e realizada, deve ter a presença de um homem que seja permanente. É comum que mulheres que sofrem violência conjugal estejam constantemente retornando as relações após passarem pelo processo de término. Ao chegar ao ponto em que a mulher toma definitiva coragem de deixar o parceiro, começa o jogo emocional, ou seja, o homem passa a mudar seu comportamento, fazendo com que a vítima sinta que as coisas vão ficar bem, preferindo não se separar do companheiro, tendo como base o conceito de que precisa ter mais confiança e dedicação, reiniciando-se o ciclo de violência (CARDOSO, 1997).

Existem diversos fatores apontados pela literatura que são determinantes para a permanência das mulheres dentro dos relacionamentos abusivos. Dentre eles, os mais comuns

são: dependência financeira e psicológica, medo de ser morta, a esperança de que o companheiro venha a mudar, a vítima sente-se culpada, desvalorizada e inferior. Além disso, a vergonha, filhos e a dependência emocional (MAGALHÃES; AZEVEDO, 2022 apud GOMES; FERNANDES, 2018).

A dependência financeira é um dos fatores mais importantes no quesito de permanência dessas mulheres em relacionamentos abusivos, pois, esta pode estar ligada ao fato de que o agressor não permite que a vítima tenha um trabalho, dessa forma, ele utiliza disto para ter sobre a mulher autoridade e poder, pois a vítima depende dele, o que facilita o domínio sobre a parceira (MAGALHÃES; AZEVEDO, 2022 apud AZEVEDO; ALVES, 2016).

De acordo com Magalhães; Azevedo (2022) apud Sousa; Cunha (2015) outro fator que faz as mulheres permanecerem na relação é a pressão familiar, principalmente pelos filhos no período de pré-adolescência e adolescência que discordam e confrontam a mesma no seu papel materno, fazendo com que estas mulheres se limitem e aceitem a relação que vivenciam.

Um ponto ainda comum para muitas mulheres que permaneçam nessas relações é a religião. As religiões quando pregam que as mulheres devem ser submissas, passivas e obedientes contribuem para que diversas violências sejam produzidas, e até mesmo reproduzidas em outras áreas da vida da vítima (PEREIRA et al, 2018 apud STRÖHER, 2009).

Vale salientar os sintomas e os prejuízos que acarretam a saúde e a vida da mulher por vivenciarem tal situação, por exemplo: estresse pós-traumático, caimento significativo da autoestima, ansiedade, ideação suicida e outros (AGOSTINI et al, 2021 apud TOSTA, 2017). Bem como, todas as manifestações que surgem posteriormente com o término dessa relação na vida dessas vítimas.

2.4 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Frente aos prejuízos que acarretam o desenvolvimento social e pessoal que afetam as mulheres que estão em situação de violência e em risco de vida constante, torna-se necessário o comprometimento ativo do Estado na execução de políticas públicas sob a ótica de gênero (CAMARGO; AQUINO, 2003).

Após ser feita a denúncia, a mulher vítima de violência doméstica fica exposta de forma vulnerável, em consequência de que a impunidade prevalece, reflete tanto a dificuldade para medidas serem tomadas em tempo hábil, como na eficácia dessas medidas para o afastamento do agressor da vítima. Nessas circunstâncias, a mulher é exposta a uma série de riscos, ainda que esteja em busca de proteção junto ao Estado (CAMARGO; AQUINO, 2003).

No Art. 226 § 8º da Constituição Federal de 1998, foi assegurada pelo Estado brasileiro a elaboração de mecanismos com o intuito de coibir com violências presentes em suas relações.

Ao destacarmos o Sistema Único de Saúde, é fundamental que os gestores e responsáveis confrontem mais um desafio associado ao enfrentamento da violência de gênero: as atitudes que os profissionais desse sistema têm diante de vítimas em situações de violência. Estes profissionais ainda tem dificuldade no reconhecimento da violência, existindo a falta de conhecimento da rede e das legislações que englobam a temática, o que resulta em inatividade dos mesmos (CRUZ et al, 2021).

No confronto com a violência contra a mulher, é imprescindível o engajamento da sociedade em conjunto: os três poderes, os movimentos sociais, as comunidades. Desta forma, fica evidente que é necessário a construção de uma rede, a chamada Rede de Cidadania: uma ação onde são reunidos os setores públicos e comunitários com foco em prevenir, atender e pôr fim a violência contra a mulher no Brasil (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2003).

No que diz respeito à construção da Rede, é importante salientar que alguns serviços funcionam como porta de entrada, dentre eles: os centros de referências, os serviços que contam com apoio jurídico, serviços policiais como: as delegacias das mulheres e outras delegacias, Polícia Militar, Postos de Saúde de serviço de Emergência, as escolas e os órgãos comunitários; as ouvidorias, as organizações não governamentais e os conselhos. Todos esses lugares e serviços tem papel fundamental no combate, na assistência e no desfecho da violência contra a mulher (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2003).

Apesar de contarmos com uma rede que abrange vários órgãos que são essenciais no processo de enfrentamento dessas violências, é indiscutível pensar em avanços tanto nas políticas preventivas como no contexto de ampliar as políticas que trabalhem para o retorno da independência financeira, elevar a autoestima, participação e representação social dessas

mulheres, bem como, a criação de contextos favoráveis à autonomia pessoal e coletiva (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2003).

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

O presente artigo trata-se de uma pesquisa documental, de caráter qualitativo do tipo exploratório, e revisão narrativa.

A pesquisa documental é caracterizada pela procura de dados em documentos que ainda não passaram por nenhum procedimento científico, são exemplos disto os jornais, filmes, cartas, gravações e outros instrumentos de divulgação (SÁ-SILVA et al, 2009 apud OLIVEIRA, 2007).

De acordo com Gerhardt; Silveira (2009) apud Gil (2007) trata-se da pesquisa exploratória a finalidade de possibilitar uma maior familiarização com a problemática, tendo em vista, deixa-lo mais compreensível, assim como, a construção de hipóteses.

A revisão narrativa tem como objetivo mapear o conhecimento a respeito de um conhecimento mais amplo, ou seja, uma análise de literatura. Além disso, não possui um critério explícito e sistemático para a busca de uma análise crítica de evidências, não é necessário um protocolo rígido. Com relação às fontes, não são pré-determinadas ou específicas, normalmente, não são tão abrangentes. A respeito da seleção de materiais é arbitrário, o pesquisador decide aquilo que deseja incluir e que achar relevante e por fim, pode existir uma grande interferência na intervenção subjetiva (CORDEIRO et al, 2007).

3.2 LOCAL DE ESTUDO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para a realização dessa pesquisa foram utilizadas as redes sociais, tendo início na plataforma do facebook, onde o intuito foi procurar grupos ou páginas com relatos de mulheres que sofreram ou sofrem relacionamento abusivo conjugal e que fossem abertas; porém, na rede do facebook todos os grupos eram privados e o objetivo da pesquisadora é tratar de uma análise onde os dados fossem retirados de um meio que não fosse preciso o pedido de solicitação para alguma administradora.

Desta forma, a pesquisa foi migrada para a rede social Instagram e realizada com essa plataforma, lá foi possível encontrar várias páginas a respeito da temática desejada. No

pesquisar da rede foi digitado da seguinte forma para a busca: “relacionamento abusivo”, onde a rede mostrou um total de sessenta e dois perfis. Cada perfil foi analisado para a busca principal: narrativas sobre experiência do relacionamento abusivo com mulheres, com ênfase heterossexual.

No que diz respeito aos critérios de inclusão e exclusão, apenas um perfil foi selecionado para ser estudado, pois este contém as narrativas de mulheres que passaram por relacionamento abusivo. Dentre sessenta e dois perfis, ocorreu a exclusão de sessenta e um pelo fato de serem voltados para informações tais como: sinais de relacionamentos abusivos, forma de denuncia, o que fazer diante de um relacionamento abusivo, autoajuda e frases motivacionais. Além disso, o processo de exclusão também contou com as contas privadas e outras que não haviam nenhuma publicação. O perfil incluso da rede social para a análise de dados, o instagram, na página encontrada tinham onze depoimentos de mulheres que sofreram violência por seus ex-parceiros, não foi identificado nome, idade ou quaisquer outras características a respeito da vítima ou do agressor, apenas suas vivências durante o período do relacionamento abusivo.

3.3 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados ocorreu por meio da técnica de análise de conteúdo, posta por Bardin (BARDIN, 2011), que são divididas em três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação de dados. Após as transcrições das narrativas, foi feita uma leitura flutuante de todo o material com a finalidade de criar categorias de homogeneidade das temáticas centrais discutidas nesse estudo, tais elas: Violência doméstica, violência psicológica, dependência emocional e culpa, e consequências do pós-término. Depois disso, foram codificados os trechos com base nessas categorias. Por fim, utilizamos tais sistematizações para a construção dos resultados e discussões desta pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Referente às relações abusivas e como elas afetam a saúde mental das mulheres que o vivenciam, os depoimentos foram analisados a partir das categorias: violência doméstica, violência psicológica, dependência emocional e culpa, pós termino e suas consequências.

AS VIOLÊNCIAS DOMÉSTICAS VIVENCIADAS NO CONTEXTO CONJUGAL

De acordo com Saffoti (2004), entende-se por violência qualquer tipo dentro dos parâmetros de danos que sejam causados a vítima, integridade física, integridade sexual, integridade psíquica e integridade moral.

Na sociedade é perceptível o uso constante de violência para as demais conquistas, dentre elas as territoriais, patrimoniais, econômicas e de políticas. Esses conflitos reafirmam a ideia das desigualdades nas relações hierárquicas, tendo como consequência a opressão. No que se refere à violência estrutural, destaca-se o macropoder, que tem impacto direto nas relações sociais, com ênfase no grupo familiar (PORTELA, 2021).

Marcadores sociais como autoritarismo, machismo, patriarcalismo e heterossexismo, além de serem poderes estruturados e estruturantes, interferem o espaço, a individualidade e a independência do outro. Ademais, essa violência naturaliza-se, tornando-a permitida e isso irá moldar os indivíduos e a suas relações, bem como, seus papéis sociais (PORTELA, 2021).

A romantização da relação abusiva influencia para que maior parte da sociedade não saiba identificar as violências que acontecem de forma mais sutil na relação do casal, por acreditarem que isso são apenas fases comuns e naturais de todos os relacionamentos amorosos, no tempo em que pesquisas apontam que quando firmados em pilares abusivos a tendência é de terminarem de forma bárbara para as vítimas, provocando prejuízos, muitas vezes, irrecuperáveis (OLIVEIRA et al, 2019).

Nos relatos das vítimas, elas comentam que achavam normais os ciúmes, o cuidado e proteção do parceiro, pelo viés dessa naturalização se torna difícil à identificação de uma relação abusiva, de entender quando o outro está passando dos limites em relação ao espaço da mulher.

“Ele disse que o defeito dele era ser ciumento, eu não liguei muito porque todo mundo tem ciúmes, né?. Tudo bem.”

Essa fala remete a ideia de que é normal o homem ter ciúme de sua parceira e que a presença deste fator pode ser sinônima de amor. É uma consequência comum nesse tipo de relação, onde as mulheres tornam-se reféns.

As autoras Ferreira; Oliveira; Moreira (2021) reforçam essa ideia de que o processo de normalização do ciúme, do abuso, do controle e do domínio pelo homem sobre a mulher são representados e romantizados através dos meios de comunicações. No quesito de possessão,

em muitos casos é vista como forma de zelo e amor, isso pode, além de confundir a vítima, dificultar a denúncia.

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Ainda que nos dias atuais já se tenha um maior progresso na inserção da mulher e o seu papel de individualidade no contexto social brasileiro, existem muitas que precisam lidar com o equívoco do entendimento do homem a respeito da sua função na sociedade, tais não toleram o avanço e elevação na independência de sua cônjuge, que pode ser um fator desencadeador de domínio do homem em relação à mulher, que pode influenciar diretamente as práticas de violências de diversas formas, dentre tais, uma muito sutil: a violência psicológica (SIQUEIRA; ROCHA, 2021).

A violência psicológica contra a mulher começa por meio de construções de algumas relações íntimas, acontece de forma discreta e silenciosa, com alguns pedidos feitos pelos homens, que acontecem por conta do amor, dos ciúmes e da precaução com o relacionamento (PORTELA, 2021).

“Toda hora eu apanhava e depois da agressão ele sempre chorava “desesperadamente”, me pedindo perdão e dizendo que tudo isso era cuidado e que eu deveria valorizar. Ele me dava flores, postava mensagens lindas nas redes sociais e eu ficava tão iludida; me culpava sempre por ele me bater”.

Nos depoimentos analisados, é comum que as vítimas relatem situações como estas, onde se sentem culpadas pelo parceiro agredi-las, como se elas tivessem os provocado, e sempre voltavam a acreditar no arrependimento dos agressores, que aquele ato de violência foi por amor.

Em um dos depoimentos, uma vítima conta de como deixou de ser quem era para viver em função do parceiro, relata que no início tudo era incrível, ele a entendia e ela o amava, até que aconteceu a seguinte situação:

“Eu o amava muito, de uma forma que era indescritível, até que ele sempre falava em ter relações, eu como o amava, deixei ele dominar o meu eu, até que ele conseguiu o que queria, me forçou a fazer, eu na hora não tive reação, só fiz, depois disso começou o descaso, o abandono, o sofrimento, e eu vendo tudo aquilo, me desesperei, achando que eu precisava dele pra viver”.

Outro aspecto comum é a grande alusão ao amor, elas dão ênfase no quanto os amavam e que haviam encontrado seu príncipe perfeito e encantado, o homem de suas vidas, e isso é reflexo de uma sociedade estrutural e patriarcal onde a mulher foi criada exclusivamente para amar o homem e esperar que eles as salvem.

Em outro relato, a mulher conta que apanhava muito do seu companheiro, mas ela o amava demais e sempre tinha esperança de que ele mudasse e eles pudessem ficar juntos, um dia, ela descobriu que ele estava traindo-a e decidiu separar, mas sempre haviam recaídas, sempre voltavam a ficar juntos, mesmo que em segredo, segundo ela: “o amor tem dessas coisas”, e continua ainda relatando como se sentiu quando o perdeu:

“Então acontecia oq eu mais temia, perder ele pra sempre... Eu perdi ele pra sempre (emoji chorando) nesse mesmo dia Terça feira dia 19 de junho de 2018 por volta das 16:30 tiraram a Vida Dele”

Embora o ex-parceiro seja alguém que cause uma série de danos a suas vidas, muitas mulheres não conseguem deixá-los, e quando fazem isso, acabam voltando por se sentirem culpadas por abandoná-los, isso acontece porque a pessoa que comete violências contra a mulher também é o mesmo homem que dá flores, faz café da manhã, acorda ao lado delas.

“ele me cobrava tudo como se eu tivesse devendo ele, eu tinha que fazer porque ele me machucava com palavras que baixava a minha guarda de menina forte determinada, ele fazia me sentir culpada e chegar a pensar que eu era toda errada mais mesmo assim continuei amando ele com toda minha força até a última célula do meu corpo”

A violência psicológica tem sua caracterização por qualquer ação ou omissão que gere ou vise gerar estrago na autoestima, identidade ou desenvolvimento da pessoa. Essa violência é vista como uma das mais frequentes de agressão no contexto doméstico, mesmo que seja mais subnotificada e mais difícil de ser identificada pela vítima, porque em muitos casos, as mulheres não percebem que estão sendo agredidas (OLIVEIRA et al, 2020). Por esse viés, muitas mulheres ainda permanecem em relacionamentos abusivos, embora todas as pessoas a sua volta saibam que aquele relacionamento não é saudável, que está gerando sofrimento para a pessoa que está inserida, enquanto essa percepção não partir dela, continuará sendo agredida.

DEPENDÊNCIA EMOCIONAL E CULPA

De acordo com Silva; Silva (2019) a dependência emocional é uma característica importante para a permanência das mulheres nas relações abusivas, por medo de não encontrar outra pessoa que a ame na mesma intensidade que ela, uma pessoa que a valorize ou lhe queira ainda que tenha filhos, ocasiona cada dia mais a dependência da relação amorosa.

A autora Araújo (2020) faz concordância com essa ideia e reforça esse pensamento da dependência emocional, da necessidade do parceiro por medo de não ser amada por mais ninguém, deixando sua vida e sua autonomia de lado, fazendo inúmeros esforços para ter o outro.

“Eu fazia tudo que ele mandava, parei de usar uma rede social, depois ele reclamou das minhas fotos, eu não podia mais postar fotos de biquíni ou alguma parecida. Eu me prendi muito só para ficar com ele, e no meu pensamento eu sabia que estava sendo manipulada mas eu não queria saber de nada apenas obedecer. Eu achava que tudo que ele dizia era certo, e que eu tinha que fazer tudo que ele pedisse.”

A maioria das vítimas trazem em seus relatos inúmeras situações de abusos, agressões físicas e psicológicas que vivenciaram com seus parceiros, mas não os deixavam porque acreditavam que eles mudariam.

“Todo dia ele bebia, inclusive ainda bebe, e para piorar ainda usava cocaína. Eu não sabia que ele usava droga, só fiquei sabendo depois de 6 meses de relacionamento. Porém, amava tanto ele que, ao invés de sair daquela roubada, me afundei ainda mais. Acreditava que podia mudar ele, “é só uma fase”, dava conselhos para ele se libertar do vício, entretanto, ele piorava a cada dia que passava.

Diante dos relatos fica evidente o quanto a dependência emocional tem interferência na permanência das mulheres nas relações abusivas, a tentativa de que o parceiro se torne o homem que elas foram ensinadas durante todo o seu percurso de vida a procurá-los e amá-los exatamente como são.

Segundo Gomes (2020), o fato das mulheres amarem demais é resultante de falta de estrutura nos lares, onde não tiveram suas necessidades afetivas saciadas ou correspondidas e procuram preencher essa lacuna em outras pessoas, tornando-se mulheres muito atenciosas. Por experimentarem essa insegurança ainda na infância, tem essa urgência de estar no controle das relações por medo de serem deixadas.

A respeito dessa análise, a autora Gomes (2020), destaca que por essa falta de afeto, as mulheres se acostumam que não existe amor nas suas relações interpessoais e a autoestima

está exageradamente baixa, pois no fundo elas creem que não são merecedoras de felicidade. Ao contrario disso, entendem que precisam conquistar a possibilidade de aproveitar a vida.

Além disso, é comum que mulheres vítima de violência doméstica sintam culpa em casos em que a percepção a respeito dessa temática ainda é bastante naturalizada. A culpa pode surgir como algo que essas mulheres já internalizaram, dessa forma, as vítimas podem enxergar a violência como algo que precisam suportar e submeter-se, pondo-se como culpada, seja por viver naquele relacionamento ou por não conseguir sair dessa relação (HOEPERS; TOMANIK, 2021).

PÓS-TÉRMINO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

É importante destacar quais os fatores de sofrimento das mulheres após passarem por uma relação abusiva, bem como os danos que essa temática pode ter causado para as vítimas que o vivenciaram.

A interrupção de uma relação ou laço amoroso ocasiona um estado de choque parecido ao estado gerado por uma forte agressão física, a homeostase do sistema psíquico é desfeita, e o princípio do prazer anulado, fazendo com que muitas pessoas se mantenham no relacionamento afetivo que lhes gerem insatisfação, ou seja, numa dependência emocional (SANTOS; JÚNIOR, 2021).

De acordo com Martins (2021), as mulheres que estão presentes em situações como estas, correm o risco de apresentarem distúrbio graves, podendo ter efeito em diversas etapas de suas vidas, dentre eles: problemas na tomada de decisões e no enfretamento de situações difíceis, além da falta de habilidade na comunicação com amigos e familiares.

“Houve um momento em minha vida que eu estava morrendo aos poucos, não sentia vontade nem de me arrumar. Sofria muito por dentro e ninguém percebia, até hoje pago um preço alto por isso, meu psicológico é muito abalado”,

Algumas mulheres não consegue verbalizar para outras pessoas que estão vivendo em um relacionamento abusivo, não conseguem expressar suas dores, isso pode ser resultante, principalmente, do espaço de fala que não teve dentro do seu lar.

O DSM-V destaca esses sintomas como fatores que se enquadram no Transtorno da Personalidade Dependente, onde os seus sintomas podem ser: dificuldade em tomar decisões cotidianas sem que haja uma grande quantidade de conselhos de outros; tem a necessidade de

que outras pessoas tomem as responsabilidades pela grande parte das coisas da sua vida; é difícil manifestar que não está de acordo com as outras pessoas por medo de perder o apoio ou aprovação; chega a extremos para conseguir carinho e apoio de outras pessoas, até chegar ao ponto de fazer coisas desagradáveis; se sente desconfortável e desamparado no momento em que se está sozinho por conta de tremores em exagero por ser incapaz de cuidar de si; procura de forma urgente outro relacionamento logo após o término a fim de ser cuidado e amparado; se preocupa com coisas irreais por medo de abandono à própria sorte (APA, 2014).

Além disso, é comum que as mulheres sintam-se envergonhadas e culpadas por terem passado por todo o abuso sofrido pelo companheiro, como mostra um dos depoimentos a seguir:

“Hoje eu carrego comigo muita vergonha e crises de ansiedade, foram muitos traumas e mesmo depois de 4 meses, ainda perco o sono com isso”.

Essa responsabilização de um relacionamento falido se dá pelo patriarcado imposto pela sociedade, onde a mulher é obrigada a se manter em uma relação amorosa até o final de suas vidas, mesmo que os parceiros cometam atos de violência contra estas, são encarregadas de salvar a relação e fazer o possível e o impossível para que os dois continuem juntos para sempre, como mostra o depoimento a seguir:

“já estava desfalecendo ainda sim queria ficar do lado dele achando que ele ia se tornar uma pessoa melhor”

Por meio da ideia concreta da perda do objeto, existem dois caminhos que a mulher pode seguir, o primeiro caminho direciona para que o sujeito possa elaborar a perda através do luto, o que vai permitir de forma gradual desinvestir do objeto que foi perdido, para somente depois poder investir em outro objeto. O segundo se refere à falta do objeto, dessa forma, se identificando com o vazio, onde não há desejo, ou seja, característica da melancolia. Com isso, pode chegar à conclusão de que o não desinvestimento dos objetos traz como consequência tanto a dependência quanto o abandono da própria subjetividade em prol de uma ilusão criada no campo do outro (TEODORO; CHAVES; SANTOS, 2021).

Geralmente o parceiro da vítima tenta controlar por meio da destruição de sua autoestima e, conseqüentemente, a segurança em si mesma. Dessa forma, quando submetidas a tais abusos, as mulheres podem se tornar enfraquecidas, levando-a a perda de sua resiliência.

A respeito disso, quando pensado em ser agredido ou de uma situação de ameaça à reação do sujeito deveria ser de evitar que isso ocorra, porém, quando nos referimos às configurações de um relacionamento abusivo, o que se observa é a repetição dos mesmos através de suas consequências psicológicas provocadas. Nos aspectos dessas ocorrências podemos destacar: transtorno do estresse pós-traumático, levando a mulher a estagnar-se, que está constantemente em uma situação de perigo, tornando-a mais influenciável e dependente, o que afeta, principalmente na tomada de decisões, bem como, destruindo a capacidade de enfrentar determinadas situações (SOUZA, 2019).

Estar em um relacionamento com inconstância emocionalmente, que gere insegurança, esteja desgastado e destrutivo, que pode intercalar entre períodos de afeto e calma causa sérios danos para a saúde da mulher como o todo. Aspectos sociais e culturais atravessam o juízo que essa mulher tenha sobre si mesma e de como funciona um relacionamento a dois. O rompimento de uma relação abusiva resulta na interrupção das expectativas e dos sonhos de formar uma família, ter uma casa e, principalmente, um casamento feliz. Fatores de questão financeira, o desemprego e a falta de oportunidades em relação ao crescimento profissional são razões importantes no momento da decisão (PORTELA, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo discutir acerca do relacionamento a abusivo e seus impactos na saúde da mulher. Desse modo, o objetivo foi alcançado, bem como o problema de pesquisa foi respondido. Diante dos resultados e discussões apresentados aqui, ficou claro a série de danos ao psicológico de uma vítima de um relacionamento abusivo.

Nesse tipo de relacionamento, fatores como culpa, vergonha, dependência emocional e baixa autoestima são aspectos comuns em mulheres que o vivenciam, é importante salientar os danos de curto e longo prazo que esses aspectos geram nas vítimas.

É inadmissível que mesmo depois de tantos anos as mulheres ainda sejam ensinadas a procurar por um homem e definir a sua vida em função disso, além de que, serem criadas com um único viés: amá-los e aceita-los. É necessário que possamos criar mulheres independentes, que também possamos acolher as nossas meninas para que elas não achem que nunca poderão romper um relacionamento que lhe cause sofrimento por falta de apoio, seja ele financeiro ou familiar. É imprescindível que elas saibam que o amor não machuca, não gera ansiedade e

nem dependência emocional, e esse é um papel fundamental que família precisa atuar para que seja desconstruído.

Durante a pesquisa foi notório que existem muitos estudos a respeito da temática, porém muitos não dão ênfase à saúde mental da mulher após esse período de vivência. Pouco se fala das consequências do pós-relacionamento, bem como, das políticas públicas e do apoio funcionaria de acordo com a garantia da lei e que muitas não têm durante esse processo. Para onde ir? Quem procurar? O que fazer?

Por isso, faz-se necessário abranger a temática para que novos estudos com aspectos voltados para essas questões sejam realizados, preferencialmente que seja feito estudos de campos, afim de que novas propostas de intervenções sejam pensadas a partir das demandas solicitadas por essas mulheres.

Perante o exposto, a temática é de extrema importância tanto para que políticas sejam pensadas nessa perspectiva de segurança e apoio a vítima, também para melhor aprimoramento do psicólogo em especial, mas também dos diversos profissionais atuantes nessa área, diante de temáticas como essas. Com isso, também ajudar as famílias nesse entendimento e reforçar a importância do apoio durante e após essa violência para que o sofrimento tente causar o menor dano possível a vítima.

REFERÊNCIAS

ALBERTIM, Renata; MARTINS, Marcelo. Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relação tóxicas. In: **INTERCOM–SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO; 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO–Joinville-SC–2 a.** 2018. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0301-1.pdf>. Acesso em: 09 out. 2022.

ALVIM, Simone Ferreira. Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. **Psicologia: teoria e prática**, v. 7, n. 2, p. 171-206, 2005. Acessado no dia 22/10/2022, disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193818624005.pdf>. Acesso em 09 out. 2022.

APA, Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>, Acesso em: 25 mai. 2023.

ARAÚJO, Naiara Lima. Dependência emocional: mulheres que sofrem violência. 2020. Disponível em: <https://repositorio.uces.br/xmlui/bitstream/handle/11338/9075/TCC%20Naiara%20Lima%20Araujo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 abr. 2023.

BACK, Cleiciane et al. O papel das mulheres na sociedade: diferentes formas de submissão. **Eventos Pedagógicos**, v. 3, n. 2, p. 328-336, 2012. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180414182602id/http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/artic/e/viewFile/674/485>. Acesso em: 09 out. 2022.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BODART, Cristiano et al. Discutindo Relações De Gênero Entre Discentes E Docentes a Partir Das Colaborações De Simone de Beauvoir E Pierre Bourdieu (Discussing Gender Relations between Students and Teachers from the Collaborations of Simone de Beauvoir and Pierre Bourdieu). **Revista Foco**, v. 10, n. 1, 2017. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2906537. Acesso em 23 out. de 2022.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 03 set. 2022.

CARDOSO, N. M. B. MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONJUGAL: fatores relacionados à permanência, rompimento e retorno à relação violenta. **Veritas (Porto Alegre)**, v. 42, n. 1, p. 133-139, 31 dez. 1997. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/veritas/article/view/35653/18711>. Acesso em: 02 nov. 2022.

CARNEIRO, Rachel Shimba; FREIRE, Rosana. Um estudo da relação entre violência psicológica e autoestima. **Conexões PSI**. Rio de Janeiro v. 3, n. 1, p. 34-48, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/conexoespsi/article/view/580>. Acesso em: 09 out. 2022.

COELHO, ACVD.; SILVA, LMS da .; NEVES, AVP.; SOUSA, SM de O.; MEDINA, LG. Análise das notificações de violência de repetição em mulheres no estado do Ceará-Sinan, 2014-2019. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 14, pág. e411101422178, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.22178. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22178>. Acesso em: 23 out. 2022.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do colégio brasileiro de cirurgões**, v. 34, p. 428-431, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcmV6Gf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 mai. 2023.

COSTA, Irla Henrique; ANDRÓSIO, Valéria O. As transformações do papel da mulher na contemporaneidade. **TCCP (Pós-graduação em Saúde Mental e Intervenção Psicossocial)-Universidade Vale do Rio Doce, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Governador Valadares, MG**, 2010. Disponível em: <http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Astransformacoesdopapeldamulhernacontemporaneidade.pdf>. Acesso em: 09 out. 2022.

CRUZ, Nayara Mendes; MELO, Mônica Cecília Pimentel de; DUARTE, Milena Vitor Gama; BARROS, Vanessa Raquel Pinto de; SARMENTO, Sued Sheila. Trajetórias atuais da gestão do SUS no enfrentamento à violência de gênero: uma revisão narrativa. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 45, n. 2, p. 160-171, 2021. Disponível em <https://rbps.sesab.ba.gov.br/index.php/rbps/article/view/3397>. Acesso em 11 mar. 2023.

D' AGOSTINI, M.; ZANIN, C. A. da S.; MORO, C. D.; CZISMOSKI, D. F.; GIACOMETTI, E. de; OLIVEIRA, J. C. S. D.; BASSO, T. R. S.; ALGERI, V. Representações sociais sobre relacionamento abusivo / Social representations about abusive relationships. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 20701–20721, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n2-627. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/25423>. Acesso em: 03 set. 2022.

DA SILVA, Daniele; SILVA, Renata Limongi França Coelho. VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS E A DEPENDÊNCIA EMOCIONAL: fator que influencia a permanência na relação. **HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM)**, v. 20, n. 1, p. 328-340, 2020. Disponível em: [file:///D:/Downloads/1008-3441-1-PB%20\(1\).pdf](file:///D:/Downloads/1008-3441-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 23 abr. 2023.

DE SOUZA PEREIRA, Daniely Cristina; CAMARGO, Vanessa Silva; AOYAMA, Patricia Cristina Novaki. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 20, n. 2, p. 10-25, 2018. Disponível em: <https://rbtcc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/RBTCC/article/view/1026/588>. Acesso em 10 out. 2022.

FEDERAL, Governo. Programa de Prevenção, Assistência e Combate à Violência Contra a Mulher-Plano Nacional. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/saffioti/ano/mes/41.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2023.

FERREIRA, Gabrielle Campos; OLIVEIRA, Marina Lorena S. de; MOREIRA, Tatiana Valeria Emídio. Características de mulheres no relacionamento abusivo. 2021. Disponível em: <http://45.4.96.19/bitstream/aee/18676/1/CARACTER%20c3%8dSTICAS%20DE%20MULHERES%20NO%20RELACIONAMENTO%20ABUSIVO.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2023.

GOMES, Ingrid Raphaelle Rolim; FERNANDES, Sheyla CS. A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada. **Boletim-Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 38, n. 94, p. 55-66, jan. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100006. Acesso em: 04 dez. 2021.

GOMES, Vanessa Maria Meireles et al. Impactos Biopsicossociais da dependência emocional nos relacionamentos amorosos. 2020. Disponível em: <https://repositorio.unicid.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2024/1/VANESSA%20MARIA%20MEIRELES%20GOMES.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2023.

HANNA BARONA SILVA MENDES; VITÓRIA SANTOS OLIVEIRA; TAILMA LEITE BARRETO; WIVIRSON FLÁVIO PEREIRA DULTRA; JOSÉ ARAUJO AVELINO. AS DESIGUALDADES DE GÊNERO ENFRENTADAS POR MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO. **Revista de Direito do Trabalho, Processo do Trabalho e Direito da Seguridade Social**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 81–89, 2020. DOI: 10.35987/laborjuris.v4i2.52. Disponível em: <https://laborjuris.emnuvens.com.br/laborjuris/article/view/52>. Acesso em: 29 out. 2022.

HOEPERS, Aline Daniele; TOMANIK, Eduardo Augusto. Violência doméstica contra mulheres: um olhar pela via dos afetos. **Psicologia em Revista**, v. 27, n. 1, p. 1-20, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/21520/20109>. Acesso em: 26 mai. 2023.

JESUS, Larissa Welane Moreira de. Pensando patriarcado e gênero na constituição de relacionamentos heteroafetivos abusivos. 2018. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1317/1/2018_proj_ljesus.pdf. Acesso em: 01 out. 2022.

MAGALHÃES, Elba Carla Ferreira Santos; AZEVEDO, Maria das Graças Teixeira de Azevedo. Fatores associados à permanência de mulheres em situação de violência doméstica: uma leitura à luz da terapia cognitivo comportamental. 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/22886/2/FATORES%20ASSOCIADOS%20c3%80%20PERMAN%20c3%8aNCIA%20DE%20MULHERES%20EM%20SITUA%20c3%87%20c3%83O%20DE%20VIOL%20c3%8aNCIA%20DOM%20c3%89STICA%20UMA%20LEITURA%20c3%80%20LUZ%20DA%20TERAPIA%20COGNITIVO%20COMPORTAMENTAL%2026.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

MAIA, Laura Rodrigues. A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos. **Psicologia-Tubarão**, 2017. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/10409/2/Laura%20tcc%20%20versao%20final%20pdf.pdf>. Acesso em: 03 set. 2022.

MALVEIRA, Ulielma Machado. **Como ocorre o rompimento e a permanência do relacionamento abusivo em mulheres?** 2020. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://repositorio.unifametro.edu.br/bitstream/123456789/457/1/ULIELMA%20MACHADO%20MALVEIRA%20TCC.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

MARTINS, Leticia Nayara Da Silveira. Como a terapia cognitivo comportamental pode auxiliar em casos de mulheres com consequências psicológicas negativas após vivenciarem um relacionamento abusivo. 2021. Disponível em: <http://186.251.225.226:8080/bitstream/handle/123456789/315/TCC%20FINALIZADO%2026.11%20LETICIA%20MARTINS%201517126%5b3478%5d%20jra%5b3486%5d%5b2305843009215704503%5d.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 mai. 2023.

OLIVEIRA, Andrea Silveira Lourenço Aguiar de et al. Violência psicológica contra a mulher praticada por parceiro íntimo: estudo transversal em zona rural do Rio Grande do Sul, 2017. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30 de 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/b7tzcw3RHKdxcmh6vc4jtP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 mai. 2023.

OLIVEIRA, FMA al et al. Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: A ineficácia da Lei Maria da Penha. 2019. Disponível em: https://flucianofejiao.com.br/flf/wp-content/uploads/2019/03/ROMANTIZACAO_DO_RELACIONAMENTO_ABUSIVO_UMA_VIOLENCIA_SILENCIOSA_A_INEFICACIA_DA_LEI_MARIA_DA_PENHA.pdf. Acesso em: 23 abr. 2023.

PAULA, M.; MAIA DE SOUZA, F. Contribuições das tecnologias de informação e comunicação para promoção da igualdade de gênero no Brasil. **Educação Sem Distância - Revista Eletrônica da Faculdade Unyleya**, [S. l.], Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2020. Disponível em: <https://educacaosemdistancia.emnuvens.com.br/esd/article/view/53>. Acesso em: 09 out. 2022.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, v. 18, p. 15-23, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZnCSBf5r/?format=html&lang=pt#ModalArticles>. Acesso: 09 out. 2022.

PORTELA, Y. VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA: DIFICULDADE EM ROMPER O VÍNCULO AFETIVO EM UMA RELAÇÃO CONJUGAL VIOLENTA. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 32, n. 2, 2021. DOI: 10.35919/rbsh.v32i2.987. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/987. Acesso em: 29 abr. 2023.

RIBEIRO, Michele Braide Toniatti. Aspectos psicológicos e sociais do relacionamento abusivo: uma revisão integrativa de literatura. 2020. 33f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário Fametro, Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unifametro.edu.br/handle/123456789/447>. Acesso em: 03 set. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. Ministério Público do Estado da Bahia, 2004. Disponível em: <https://dspace.sistemas.mpba.mp.br/handle/123456789/754>. Acesso em: 23 abr. 2023.

SANTOS, Andréa Marçal. Amor e sofrimento: um enfoque na dependência afetiva. 2021. Disponível em: <http://repositorio.fucamp.com.br/bitstream/FUCAMP/537/3/Amorsofrimentoum.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2023.

SANTOS, Janaina Ferreira dos. “Ciumento eu”: uma análise musical acerca dos relacionamentos abusivos. 2020. 29f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Fametro, Fortaleza, 2020. Disponível em: http://repositorio.unifametro.edu.br/bitstream/123456789/769/1/JANAINA%20FERREIRA%20DOS%20SANTOS_TCC.pdf. Acesso em: 03 set. 2022.

SANTOS, V. T. A.; RATES, M. L. S.; CUNHA, L. A. da; MALVEIRA, N. A. M.; FIGUEIREDO, Y. J. de S.; ARAÚJO, R. R. de; SILVA, T. S. L. de B. ; DIAS, J. M. G. . Domestic Violence in the Northeast: an analysis of the Information System for Diseases and Notification (SINAN) data between 2009 and 2018. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 13, p. e527101321098, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i13.21098. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/21098>. Acesso em: 23 out. 2022.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38143476/Analise_Documental-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1667050855&Signature=M9ygt-LSFQXAoYFZwm9zgUkv6bC1frgWgFEqE~IMvD8IEIO33jAb1ZQ~ZpwhDxO9fCoughYzszUj5og3Gm9zvsDmFBDpUn7QS5Ro8n1UmZ8u7q~ryHVUiGnp3uTRefR0093~yBQNpn5tU8JZbezGYX0L6O4FFNuQ17BfpGiDMOD-gU5QtzZXfjFdywEDAqdB14rN64I-RXApMysPkdEZ-dVm0BvEOycoE-a1xKtpl61g53XxMuMVm0hqgor-d7VF~nM~7Nt~jslp~KmjTI8mhd4N4IKJLUJchERUzc5nzqeH9MQMvwRne202TsvosWCGuMhvGu6UzikWT6IIQ_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 22 out. 2022.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44**, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf?sequ>. Acesso em 22 out. 2022.

SIQUEIRA, C.; ROCHA, E. S. Violência Psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**, v. 2, n. 1, p. 12-23, 22 jun. 2019. Disponível em: <https://arqcientificosimmes.emnuvens.com.br/abi/article/view/107/63>. Acesso em: 23 abr. 2023.

SOUZA, ANDRESSA DA SILVA. Relacionamentos abusivos: consequências psicológicas em mulheres que o vivenciam. **ANAIS ELETRÔNICO CIC**, v. 17, n. 1, 2019. Disponível em: <http://fasb.edu.br/revista/index.php/cic/article/view/492/0>. Acesso em: 04 dez. 2021.

TEODORO, E. F.; CHAVES, W. C.; SANTOS, G. A. C. dos. Nas Trilhas da Dependência Amorosa: Entre Desejo e Necessidade. **Revista Subjetividades**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. Publicado online: 18/03/2021, 2021. DOI: 10.5020/23590777.rs.v21i1.e9842. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e9842>, Acesso em: 16 mai.. 2023.